
Laura Bellini
Quando Você Para de Ter Pressa
Não é preciso compartilhar tudo para estar juntos

Quando Você Para de Ter Pressa

Não é preciso compartilhar tudo para estar juntos

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901533

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Limites no Papel 12
Capítulo 2 - Um Lugar para Dois 25
Capítulo 3 - Quando o Chão Desaparece Sob os Pés 39
Capítulo 4 - Coisas Que Não Entram na Agenda 48
Capítulo 5 - O Direito de Seguir o Próprio Caminho 59
Capítulo 6 - O Sabor do Primeiro Beijo 70
Capítulo 7 - O Que Fica Depois do Beijo 81
Capítulo 8 - No Mundo Dele 91
Capítulo 9 - A Coragem de Não Fazer Tudo Sozinha 101
Capítulo 10 - Quando a Proximidade Se Torna uma Escolha 113
Capítulo 11 - Espaço para a Própria Vida 123
Capítulo 12 - O Preço da Confiança 134
Capítulo 13 - Nem Tudo Está à Venda 145
Capítulo 14 - A Verdade Que Não Pode Ser Dividida ao Meio 156
Capítulo 15 - A Conta de uma Vida Compartilhada 166
Capítulo 16 - O Silêncio Entre Duas Margens 178
Capítulo 17 - Aquilo Que Não Podemos Reter 188
Capítulo 18 - O Primeiro Passo Sem Condições 197
Capítulo 19 - Duas Margens do Mesmo Rio 207
Capítulo 20 - Quando Você Para de Ter Pressa 218

INTRO

Na minha primeira manhã às margens do rio San, acordei com o barulho da chuva, embora a previsão do tempo prometesse sol. As gotas batiam no parapeito de metal com tamanha regularidade que parecia haver alguém marcando um ritmo ao qual eu não tinha a menor intenção de me adaptar. Fiquei deitada por alguns instantes, sem me mexer, observando a faixa clara de luz sob a porta do quarto. Meu celular estava em silêncio, eu não tinha nenhuma reunião marcada antes das dez e, mesmo assim, mentalmente já havia reorganizado três entregas, telefonado para o marceneiro e corrigido a disposição dos quadros numa parede que sequer tinha sido pintada.

Eu tinha cinquenta e seis anos e, durante a maior parte da vida, considerara a capacidade de antecipar problemas uma qualidade. Só recentemente começara a desconfiar de que, às vezes, ela também servia para evitar tudo aquilo que não podia ser registrado numa agenda.

Levantei, vesti um robe de linho e desci até a cozinha. A pequena casa tinha cheiro de madeira, terra úmida e café, que eu havia deixado preparado na noite anterior numa cafeteira italiana de metal. Eu a comprara três anos antes, quando meu casamento finalmente se desfizera em documentos, avaliações patrimoniais e conversas conduzidas por advogados. A propriedade era modesta, com um terraço torto e um jardim onde velhas macieiras cresciam segundo suas próprias regras. Foi justamente por isso que me apaixonei por ela. Ninguém podia me dizer que eu deveria organizá-la de outra maneira.

Sobre a mesa estava aberto o projeto da galeria de verão.

Com um lápis vermelho, eu havia marcado os lugares destinados aos quadros; com um verde, os espaços reservados aos visitantes. Pretendia transformar a antiga sala de estar numa exposição intimista de pintura contemporânea. No terraço, aconteceriam encontros noturnos com artistas, enquanto algumas esculturas resistentes à chuva seriam instaladas no jardim. Minha galeria em Rzeszów ia bem, mas havia algum tempo eu sentia falta de algo menos previsível do que uma sucessão de vernissages, negociações e prazos de transporte.

Ali, eu queria voltar a sentir a alegria de criar um lugar, em vez de carregar apenas a responsabilidade de mantê-lo funcionando.

O telefone tocou.

Na tela apareceu o nome da minha amiga Marta.

— Me diga que você ainda está dormindo — falou ela, sem sequer me cumprimentar.

— Faz vinte minutos que estou tentando me convencer de que estou descansando.

— Então você já está vestida e revisando o cronograma.

Olhei para o lápis vermelho na minha mão.

— Estou de robe.

— Um progresso extraordinário. Escute, conversei ontem com Stanisław.

Minha mão parou sobre o projeto.

— Que Stanisław?

— Irena, nós duas sabemos que você só conhece um Stanisław cujo nome finge não lembrar.

Fui até a janela. A chuva havia diminuído, e uma névoa baixa pairava sobre o rio. Na margem oposta, as árvores formavam uma linha verde e irregular.

Stanisław Jastrząb.

Eu não o via havia quase nove anos. Ainda me lembrava, porém, de sua maneira tranquila de falar, da paciência com que escutava os argumentos dos outros e daquele tipo especial de autoconfiança que dispensava qualquer necessidade de elevar a voz. Nós nos conhecemos numa época em que ambos estávamos ocupados construindo uma vida com outras pessoas. Ele era arquiteto, um homem com uma sensibilidade extraordinária para os espaços. Conseguia entrar num cômodo e perceber imediatamente por que ninguém queria permanecer ali por mais de alguns minutos.

— Como ele está? — perguntei, cautelosa.

— Tem sessenta anos, continua trabalhando demais e parece que finalmente aprendeu a fazer um risoto decente. Além disso, conhece alguém que pode ajudar com o seu terraço.

— Já tenho um profissional contratado.

— Que não atende às suas ligações há duas semanas.

Não respondi.

— Irena, você não precisa fazer tudo sozinha.

— Eu sei.

— Não parece muito convencida.

Encerrei a conversa prometendo que consideraria a proposta. Naturalmente, minha intenção era primeiro telefonar para o profissional que eu havia contratado, depois encontrar outro e só em último caso admitir que Marta talvez

tivesse razão. Guardei o celular no bolso do robe e saí para o terraço, a fim de verificar se a água estava novamente se acumulando perto da porta. As tábuas estavam escorregadias e, sob uma delas, alguma coisa rangeu de maneira preocupante.

Foi nesse exato momento que ouvi um carro.

Uma perua azul-marinho parou na estrada estreita em frente à casa. Do lado do motorista saiu um homem alto, usando uma camisa clara com as mangas dobradas. Tinha cabelos grisalhos, ligeiramente despenteados pelo vento, e uma bolsa de couro pendurada no ombro. Durante alguns instantes, permaneceu ao lado do carro, examinando a casa com uma atenção que imediatamente denunciava sua profissão.

Eu o reconheci antes mesmo que virasse a cabeça.

— Não me diga que Marta mandou você aqui sem me avisar — falei quando ele se aproximou do portão.

Stanisław sorriu devagar.

— Bom dia para você também, Irena.

Ele estava mais velho do que na minha lembrança, mas a idade havia dado mais personalidade ao seu rosto. As rugas ao redor dos olhos não pareciam marcas de cansaço. Eram, antes, sinais de alguém que encontrara motivos suficientes para sorrir ao longo dos anos.

— Marta não tem o direito de organizar minha vida.

— Ela me disse exatamente a mesma coisa. Por isso, não vim a convite dela.

— Então a convite de quem?

Ele tirou uma folha dobrada da bolsa.

— Encontrei seu anúncio procurando uma consultoria de arquitetura para um espaço temporário de exposições. Enviei uma resposta ontem à noite.

Lembrei-me de uma mensagem recebida de um escritório identificado apenas por iniciais. Ainda não tivera tempo de conferir o nome do proprietário.

— Isso foi um pouco desleal.

— Responder ao seu anúncio?

— Saber quem o havia publicado.

— E você não verificou quem estava respondendo. Parece que nós dois resolvemos correr um risco.

Abri o portão, embora ainda não estivesse disposta a admitir que ele tinha razão. Stanisław entrou pelo caminho do jardim, parou junto a uma macieira e olhou na direção do rio. Ficou em silêncio durante vários segundos. Lembrei-me de como aquele hábito me irritava antigamente. Enquanto eu preenchia os silêncios com decisões, ele permitia que continuassem até encontrar alguma coisa que valesse a pena dizer.

— É um lugar lindo — comentou finalmente. — Mas o terraço precisa de muito mais do que a substituição de duas tábuas.

— Eu sei. É por isso que estou procurando um consultor, não alguém que assuma o projeto inteiro.

Ele me observou com mais atenção.

— Você ainda começa as conversas estabelecendo o que a outra pessoa não tem permissão para fazer?

Senti uma pontada de irritação, principalmente porque ele havia chegado perto demais da verdade.

— E você continua tentando provocar as pessoas antes de tomar café?

— Só aquelas de quem me lembro muito bem.

Durante um instante, ficamos nos olhando em silêncio. Atrás de mim, ouvi a água pingando da calha. De repente, percebi que estava diante dele de robe, com os pés descalços dentro de tamancos de jardim e os cabelos presos de qualquer jeito na nuca. Ainda assim, não me senti constrangida. O que mais me surpreendia era a facilidade com que aquela antiga intimidade havia voltado entre nós, sem que eu tivesse planejado nada.

Convidei-o a entrar na cozinha.

Stanisław tirou a jaqueta molhada, pendurou-a cuidadosamente perto da porta e se sentou à mesa. Não tocou nos projetos, embora eu percebesse que desejava examiná-los. Em vez disso, esperou até que eu mesma deslizasse as folhas em sua direção. Aquele pequeno gesto me agradou mais do que eu estava disposta a admitir.

— Primeiro, me diga o que você não quer mudar — pediu.

Coloquei uma xícara diante dele.

— A casa. O jardim. A personalidade deste lugar. Não quero um pavilhão sofisticado fingindo ser algo que nunca vai conseguir ser.

— E o que você quer?

Apontei para a porta aberta que dava para o terraço.

— Quero que as pessoas venham até aqui pelos quadros e fiquem porque gostam de conversar. Que ninguém precise fingir que entende de arte. Que o lugar seja um pouco bonito e um pouco comum.

Stanisław apoiou as mãos sobre a mesa.

— Parece algo que realmente vale a pena fazer.

Ele não disse aquilo com o tom de alguém tentando me vender um serviço. Parecia mais uma pessoa que acabara de reconhecer um desejo que eu mesma, até então, não conseguira expressar com tanta simplicidade.

Pouco depois, abriu o esboço e apontou para a ligação entre o terraço e a sala de estar.

— Posso ajudar você. Mas com uma condição.

— Estou ouvindo.

— Você não vai tratar cada sugestão minha como uma tentativa de tirar alguma coisa de você.

Recostei-me na cadeira.

— E você não vai achar que trabalhar em conjunto lhe dá o direito de tomar decisões por mim.

Seu sorriso ficou mais caloroso.

— Combinado.

Ele estendeu a mão por cima da mesa. Segurei-a, sentindo a aspereza dos dedos de um homem que, apesar da profissão, não se limitava a desenhar projetos. O aperto de mão durou pouco. Mas foi tempo suficiente para me lembrar de quanto tempo fazia desde que alguém me olhara com uma curiosidade tão aberta e sincera.

Quando ele retirou a mão, voltei os olhos para minhas tarefas cuidadosamente organizadas, para as linhas vermelhas que delimitavam os espaços da futura galeria e para o homem que acabara de aparecer bem no meio do meu plano perfeitamente estruturado.

— Stanisław?

— Sim?

— Por que você veio de verdade?

Ele parou de sorrir, mas não desviou o olhar.

— Porque, quando vi seu sobrenome, pensei que não gostaria de perder uma segunda oportunidade de conhecer você melhor.

Lá fora, a chuva havia parado completamente. A cozinha ficou silenciosa e, pela primeira vez em muitos meses, não procurei minha agenda para preencher aquele silêncio com alguma coisa útil.

Continuei olhando para ele, consciente de que ainda podia transformar tudo numa conversa estritamente profissional. Bastaria abrir a planilha de custos, apontar para outra parede e perguntar sobre os prazos.

Em vez disso, ouvi minha própria voz.

— E se eu já não for a mulher de quem você se lembra?

Stanisław afastou a xícara para o lado.

— Irena, você realmente acha que vim procurar aquela mulher de nove anos atrás?

Capítulo 1 - Limites no Papel

Stanisław não desviou os olhos, e percebi que sua pergunta exigia de mim mais coragem do que todas as decisões relacionadas à galeria. Eu poderia ter respondido com uma brincadeira ou lembrado a ele que viera conversar sobre arquitetura. Em vez disso, ergui a xícara e tomei um gole do café, que já havia esfriado. Ele me observava sem impaciência. Não parecia um homem à espera de uma confissão imediata, embora tivesse acabado de dizer algo que, apenas uma hora antes, eu teria considerado inadequado.

— Não sei quem você veio procurar — respondi. — Mas espero que realmente entenda de terraços.

Ele soltou uma risada baixa.

— Você sempre soube escolher a pergunta mais segura.

— E você, pelo visto, ainda não aprendeu a aceitar respostas.

— Eu aceito. Só que também me lembro daquelas que não recebi.

Levantei-me da mesa, recolhendo os projetos. Não porque quisesse encerrar a conversa. Precisava me movimentar, fazer alguma coisa comum que me devolvesse o senso de proporção. Stanisław Jastrząb era um antigo conhecido, arquiteto e possível colaborador. O fato de sua presença alterar a temperatura da cozinha não deveria ter importância em nenhuma dessas circunstâncias.

Levei-o até a sala de estar, onde seria instalado o principal espaço de exposições. O cômodo estava quase vazio. Três quadros embrulhados em plástico protetor

descansavam encostados na parede, amostras de cores estavam espalhadas pelo chão e as portas abertas para o terraço deixavam entrar o cheiro do jardim molhado. Stanisław caminhou devagar ao longo da parede, parou junto à janela e olhou para o teto.

— Quantas pessoas você espera na inauguração?

— Quarenta. Talvez cinquenta, se o tempo colaborar.

— E se o tempo estiver ruim?

— Nesse caso, todos vão ter que gostar um pouco mais uns dos outros.

— Irena.

Reconheci aquele tom. Não era severo, mas continha um pedido para que eu levasse a pergunta a sério.

— Trinta pessoas dentro da casa — admiti. — As outras terão que esperar no terraço, sob a cobertura.

Stanisław avaliou a passagem com os olhos.

— Você precisa de uma ligação segura entre os dois espaços. O desnível atual vai ser um obstáculo, principalmente para alguém que use bengala ou cadeira de rodas.

— Já incluí a substituição da soleira no orçamento.

— Substituir apenas a soleira não resolve a diferença de altura.

Ele tirou uma pequena trena da bolsa. Observei enquanto media a altura entre a sala e o terraço e depois anotava o resultado num caderno de capa escura. Seus movimentos eram tranquilos e precisos. Não tentava me impressionar com seus conhecimentos nem falava sobre suas realizações

profissionais. Simplesmente percebia coisas que eu não havia notado antes.

— Podemos melhorar o acesso sem reformar a casa inteira — disse. — Mas precisamos começar pela estrutura do terraço e só depois pensar na disposição das obras.

— Era exatamente isso que eu não queria ouvir.

— Eu sei.

— Você nem vai tentar me consolar?

— Posso dizer que tudo vai dar certo. Só que, nesse caso, você não deveria me contratar como arquiteto.

Parei junto à cômoda onde havia espalhado fotografias das obras que pretendia expor. Entre elas estava uma pintura de Joanna Radecka, uma jovem artista de Przemyśl. Retratava uma mulher diante de uma janela aberta. Seu rosto permanecia invisível, mas a maneira como apoiava a mão no batente expressava uma expectativa maior do que qualquer retrato detalhado seria capaz de transmitir.

— Quero inaugurar a galeria na primeira sexta-feira de julho — expliquei. — Já convidei os artistas, tenho acordos preliminares com o serviço de buffet e há interesse da imprensa local. Não posso adiar tudo só porque o terraço resolveu ser mais temperamental do que eu imaginava.

Stanisław olhou para a fotografia da pintura.

— Não estou sugerindo que você adie a inauguração. Estou sugerindo que verifiquemos se o prazo é viável.

— No meu trabalho, os prazos se tornam viáveis quando as pessoas param de procurar motivos para as coisas darem errado.

— No meu trabalho, é justamente nesse momento que acontecem os erros mais caros.

Virei-me para ele. Permanecemos em silêncio por alguns instantes, mas não era um silêncio constrangedor. Tive a impressão de que Stanisław estava deliberadamente me dando a oportunidade de decidir se queria continuar a discussão. Era surpreendente o quanto aquilo conseguia me irritar.

— Não pretendo entregar a você o controle da minha casa — declarei.

— Não estou pedindo isso.

— Mas já está determinando a ordem das obras.

— Porque, se meu nome vai constar no projeto, preciso ter o direito de dizer quando uma solução é perigosa. Mesmo que a proprietária não goste de ouvir.

— Posso contratar outra pessoa.

— Claro que pode.

Ele disse aquilo sem qualquer tom de ameaça. E foi justamente por isso que meu argumento não me trouxe satisfação alguma.

Saímos para o jardim, onde Stanisław examinou os suportes do terraço. Agachou-se ao lado de um deles, afastou as folhas molhadas e apontou para uma parte da madeira que começou a se desfazer quando pressionada pela ponta da trena. Senti um peso desagradável no estômago. Durante as últimas semanas, eu havia caminhado sobre aquelas tábuas carregando amostras de tinta, com o telefone junto ao ouvido e a cabeça cheia de planos. Não me ocorrera que algo aparentemente sólido pudesse, na realidade, precisar de reparos imediatos.

— Por enquanto, não use esta parte — recomendou.

— Está tão ruim assim?

— Ainda não sei a extensão do dano. Mas não vou fingir que desconhecer um problema significa que ele não oferece perigo.

Agachei-me ao lado dele. De perto, consegui distinguir uma linha escura percorrendo a madeira e a umidade escondida sob a camada de tinta antiga. Stanisław se deslocou um pouco para que eu pudesse enxergar melhor, sem tentar me afastar. Explicou o que precisava ser exposto e examinado e o que só poderia ser avaliado depois da remoção de algumas tábuas.

— Eu poderia desistir do terraço — comentei.

— Poderia. Só que perderia parte daquilo que você mesma acabou de chamar de mais importante.

Olhei para o rio. Além do jardim, o San corria tranquilamente, como se meus prazos e despesas não lhe dissessem respeito. Eu havia comprado a casa justamente por causa daquela paisagem. Queria que as pessoas pudessem sair da galeria, ficar entre as árvores e observar a água por alguns instantes. Sem pressa, sem a obrigação de fazer comentários sobre arte.

— Quanto tempo você precisa para fazer a avaliação?

— Dois dias para a inspeção e uma proposta preliminar. Depois saberemos mais.

— Dois dias é muito tempo.

— Sei que, para você, é praticamente uma eternidade.

Lancei-lhe um olhar severo, mas ele sorriu de um jeito que retirou qualquer maldade do comentário.

Voltamos à cozinha com os sapatos molhados e um problema novo. Stanisław abriu diante de mim um esboço no qual marcara os pontos que precisavam de avaliação. Queria

também examinar a instalação elétrica da sala e descobrir que tipo de iluminação eu pretendia usar sobre os quadros. A cada pergunta, percebia que minha visão, embora bonita no papel, ainda precisava de muitas respostas concretas.

— Você consegue trabalhar com o profissional que eu escolher? — perguntei.

— Se ele for competente e respeitar as normas de segurança.

— E se você não gostar da maneira como ele trabalha?

— Vou explicar os motivos. Você tomará a decisão.

— Desde que ela não contrarie sua opinião?

Stanisław pousou o lápis.

— Irena, não quero vencer discussões com você. Quero que as pessoas possam entrar naquele terraço em segurança. Existe uma diferença.

Senti uma pontada de vergonha. Não porque ele tivesse sido grosseiro, mas porque estava sendo sensato. No meu casamento, objeções aparentemente tranquilas muitas vezes marcavam o início de longas disputas de poder. Eu havia aprendido a responder antes mesmo que a outra pessoa terminasse de falar. Depois do divórcio, prometera a mim mesma que nunca mais permitiria que alguém tomasse decisões em meu nome.

Só que Stanisław não estava tentando fazer isso.

— Está bem — falei depois de um instante. — Você vai preparar um parecer preliminar, a descrição dos serviços necessários e um orçamento pelos seus honorários. Sem encomendar materiais e sem entrar em contato com prestadores de serviço em meu nome.

— Combinado.

— Todas as despesas precisam da minha aprovação pessoal.

— O projeto é seu.

— E se eu considerar a solução proposta cara demais?

— Procuraremos outra. Ou direi com sinceridade que não conheço nenhuma alternativa mais barata que atenda às exigências.

Durante alguns instantes, ele girou o lápis entre os dedos. Depois me olhou com uma expressão que não consegui interpretar imediatamente.

— Tenho mais uma condição.

Suspirei.

— Naturalmente.

— Você não vai fingir que sabe tudo quando não souber alguma coisa.

— É uma proposta bastante atrevida.

— Eu sei. Mas posso aceitar a mesma regra para mim.

Observei-o com um divertimento relutante. Depois de nove anos, Stanisław aparentemente ainda sabia como me tirar do sério sem levantar a voz.

— Nesse caso, você também não vai fingir que está sempre certo.

— Isso vai ser mais difícil para mim do que você imagina.

Comecei a rir antes que conseguisse me conter.

Por volta do meio-dia, Natalia, minha funcionária da galeria em Rzeszów, telefonou. O fornecedor das molduras havia confundido as medidas, e uma das artistas queria alterar a data de retirada dos quadros. Passei dez minutos ao telefone, consultando mensagens e anotações ao mesmo

tempo. Quando terminei, Stanisław estava sentado à mesa, folheando o catálogo de uma exposição que eu havia deixado perto dos projetos.

— Você não precisava ter esperado — falei.

— Queria ver como você trabalha.

— E então?

— Continua conduzindo três conversas ao mesmo tempo. Só que agora faz isso com ainda mais eficiência.

— Isso foi um elogio?

— Uma observação.

Fechei o notebook.

— Sabe do que mais gosto no meu trabalho? Do fato de que, quando alguma coisa fica pronta, posso realmente ver o resultado. O quadro está pendurado, a luz incide exatamente como eu queria, as pessoas começam a conversar. Durante alguns minutos, tudo faz sentido.

— E depois?

— Depois começo a planejar o próximo evento.

Stanisław fechou parcialmente o catálogo.

— Talvez seja por isso que você tenha tanta dificuldade para perceber quando alguma coisa já deu certo.

Suas palavras me fizeram parar com mais eficiência do que qualquer crítica ao terraço. Não respondi imediatamente. Lembrei-me da última inauguração em Rzeszów, uma noite bem-sucedida durante a qual, em vez de conversar com os convidados, eu corrigia a lista de convites para o evento seguinte. Também me lembrei de Marta dizendo que eu deveria, pelo menos uma vez, permanecer até o final da minha própria festa.

— Você veio projetar uma galeria ou analisar meus hábitos?

— A segunda atividade, pelo visto, estou oferecendo de graça.

Sorri contra a minha vontade.

Stanisław fechou o caderno, guardou a trena na bolsa e pegou a jaqueta. Não tentei impedi-lo de ir embora. Sabia que nós dois precisávamos de algum tempo para observar aquele reencontro inesperado com certa distância.

Na porta, porém, ele parou e olhou para uma pintura encostada na parede. Era uma pequena obra de Joanna Radecka que retratava duas cadeiras vazias, colocadas lado a lado num jardim.

— Esse quadro vai fazer parte da exposição?

— Vai. Por quê?

— Porque as cadeiras estão próximas, mas não estão voltadas uma para a outra. As duas olham na mesma direção.

— E daí?

— Nada. Simplesmente gostei da ideia.

Aproximei-me. Eu mesma havia escolhido aquela pintura por causa da luz, mas nunca prestara atenção à posição das cadeiras. Stanisław não tentou impor uma interpretação definitiva à obra. Mostrou-me algo que eu não havia percebido e depois me deixou chegar às minhas próprias conclusões.

— Volto amanhã às nove — disse.

— Às dez. Tenho uma reunião com Natalia às nove.

— Às dez, então.

— E traga os documentos para que eu saiba pelo que estou pagando.

— Naturalmente.

Abri a porta. O ar depois da chuva estava fresco, e as primeiras faixas claras começavam a aparecer entre as nuvens.

Stanisław parou na soleira e me olhou com um leve sorriso.

— Fico feliz por você ter respondido à minha pergunta.

Franzi a testa.

— Que pergunta?

— Se realmente é uma mulher diferente agora.

— Mas eu não respondi.

— Justamente por isso sei que é.

Antes que eu encontrasse uma resposta à altura, ele começou a caminhar em direção ao carro. Permaneci na porta, observando-o contornar cuidadosamente uma poça perto do portão. Ele só olhou para trás quando abriu a porta do veículo. Então levantou a mão numa breve despedida.

Voltei para dentro de casa e fechei a porta. Os projetos continuavam sobre a mesa, agora complementados por suas anotações. Durante um bom tempo, contemplei as linhas irregulares desenhadas a lápis. Eram práticas, sem enfeites, mas alteravam completamente minha visão.

Peguei o celular para registrar o horário do nosso próximo encontro. Ao escrever o nome de Stanisław, hesitei, pensando se deveria identificá-lo simplesmente como "arquiteto". Em vez disso, registrei seu nome e sobrenome.

Depois deixei o telefone de lado e me permiti passar alguns minutos sem fazer absolutamente nada.

No dia seguinte, ele chegou pontualmente às dez, trazendo dois catálogos de materiais e um notebook. Eu estava ainda mais preparada. Sobre a mesa, esperavam os documentos de propriedade, a planta da construção, fotografias das instalações e um orçamento detalhado que eu havia elaborado na semana anterior. Vestira uma camisa branca e calças escuras, como se pretendesse convencer a mim mesma de que nosso encontro era exclusivamente profissional.

Stanisław examinou os documentos preparados e depois olhou para mim.

— Vejo que estou diante de uma investidora séria.

— E muito exigente.

— Essa última parte nem precisava dizer.

Dessa vez, não respondi com uma provocação. Indiquei-lhe uma cadeira e me sentei à sua frente. Durante mais de uma hora, discutimos o escopo dos serviços, as possíveis soluções e os custos. Fiquei surpresa ao perceber que ele não tentava me convencer a escolher os materiais mais caros. Em várias ocasiões, sugeriu alternativas mais simples, explicando por que poderiam funcionar melhor numa pequena casa junto ao rio.

Quando propôs reduzir o número de pontos de iluminação, protestei.

— Os quadros precisam de luz.

— Evidentemente. Mas também precisam de sombra. Caso contrário, tudo vai parecer uma loja de luminárias.

Examinei seu esboço. Em vez de iluminar uniformemente toda a sala, ele propunha criar algumas áreas mais tranquilas, onde os olhos pudessem descansar.

— Isso pode funcionar — admiti.

Stanisław ergueu as sobrancelhas.

— Devo anotar a data?

— Não se acostume.

Ele sorriu e voltou a desenhar.

Ao meio-dia, já tínhamos um plano preliminar. Stanisław fechou o notebook e estendeu a mão para pegar a xícara. Percebi que parecia cansado. Havia sombras discretas sob seus olhos, que eu não notara no dia anterior.

— Dormiu mal? — perguntei.

— Um pouco de trabalho à noite. Nada demais.

— Você não parece alguém que saiba descansar.

— E você parece?

Sorri, reconhecendo que ele havia acertado.

— É justamente por isso que não deveríamos falar sobre o assunto.

Stanisław recostou-se na cadeira. Durante alguns instantes, contemplou o jardim.

— Sabe do que me lembro do nosso último encontro? — perguntou.

— De termos discutido sobre a disposição das cadeiras em alguma festa?

— Não. Lembro que você me disse que, um dia, gostaria de ter um lugar onde ninguém estivesse com pressa.

Olhei para ele, surpresa.